



<http://pev-proex.uergs.edu.br/index.php/xsiepex/index>

ISSN do Livro de Resumos: 2448-0010

MAPEAMENTO TOPOFÍLICO COMO INSTRUMENTALIZAÇÃO DA GESTÃO AMBIENTAL E NEGOCIAÇÃO DE CONFLITOS NA FLONA DE CANELA

Demétrio Ribeiro de Andrade Neto, Márcia dos Santos Ramos Berreta

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)

E-mails: demetrio-neto@uergs.edu.br; marcia-berreta@uergs.edu.br

Resumo

Diante das conflitualidades acerca da FLONA de Canela-RS, este estudo faz parte de um projeto de pesquisa realizado no Laboratório de Gestão Ambiental e Negociação de Conflitos (GANECO), parceria entre a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs) e a Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Infraestrutura (SEMAI/RS), na Floresta Nacional (FLONA) de Canela, RS. Propondneste estudo foi proposta uma reflexão sobre o papel do gestor ambiental como profissional inovador na criação de estratégias de mediação dos conflitos socioambientais nas unidades de conservação (UC) do país. Por meio dos objetivos: a) reconstituir um tecido histórico que evidencie as transformações daquele espaço geográfico ao longo do tempo em diferentes construções de categorias espaciais em três categorias de espaço geográfico (território, paisagem e lugar); b) elaborar mapa toponímico que demarque as diferentes zonas de conflito e interesses no território da FLONA de Canela; c) discutir o papel do gestor ambiental na gestão de uma UC, que são espaços constituídos por camadas temporais, históricas e culturais, para além das biológicas. Ao fim, percebe-se que as categorias entrevistadas (civil, institucional e componente indígena) percebem o local respectivamente como: paisagem (lazer), território (posse) e lugar (elo afetivo).

INTRODUÇÃO

Este estudo faz parte de um projeto de pesquisa realizado no Laboratório de Gestão Ambiental e Negociação de Conflitos (GANECO), parceria entre a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs) e a Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Infraestrutura (SEMAI/RS), na Floresta Nacional (FLONA) de Canela, RS. E traz a questão de que se faz necessária uma reflexão crítica ao tratar da emergência ambiental sob o viés de um novo paradigma, que transcenda aqueles fundamentados em um utilitarismo alienatório da natureza, seja ele material no que se refere a recursos naturais ou abstratos quanto às afetividades subjetivas. Situada no nordeste do estado Rio Grande do Sul, a FLONA de Canela foi criada em 25 de outubro de 1968 pela Portaria nº 561 e está localizada a cerca de 6 km na direção norte do centro do município. De acordo com o Plano de Manejo (BRASIL, 2017), é descrita como uma área de domínio público, provida de cobertura vegetal nativa e plantada, tendo como objetivos à sua criação: a) promover o manejo dos recursos naturais, com ênfase na produção de madeira e outros produtos vegetais; b) garantir a proteção dos recursos

hídricos, das belezas cênicas, e dos sítios históricos e arqueológicos; c) fomentar o desenvolvimento da pesquisa científica básica e aplicada, da educação ambiental e das atividades de recreação, lazer e turismo. O estudo se propõe responder se é possível o Gestor Ambiental intervir de forma sensível, perceptiva e inovadora na criação de estratégias de mediação, frente aos conflitos socioambientais presentes em Unidades de Conservação (UC) do país. Cenários onde imperam a multiplicidade cultural, bem como de interesses sobre os espaços naturais, como no caso da FLONA de Canela. Para tal fim, foram estabelecidos os seguintes objetivos: a) reconstituir um tecido histórico que evidencie as transformações daquele espaço geográfico ao longo do tempo, em diferentes construções de categorias espaciais como o território, lugar e paisagem; b) elaborar um mapa toponímico que demarque as diferentes zonas paradoxais, de conflito e interesses afetivos presentes na FLONA de Canela; c) discutir sobre o papel do gestor ambiental na gestão de uma Unidade de Conservação, na perspectiva dos espaços constituídos por camadas temporais, históricas e culturais para além de biológicas.

MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa exploratória por propor uma maior familiaridade com o problema, considerando os mais variados aspectos relativos aos fenômenos estudados, com um caráter aproximativo (GIL, 2008). Portanto os procedimentos metodológicos, para a realização da pesquisa, incluíram visitas a campo para observação, revisão bibliográfica, entrevistas e análise dos dados levantados. As visitas foram registradas em diário de campo, onde se levantou a percepção dos diferentes grupos que interagem com a FLONA, nas categorias do espaço geográfico, que configuram: território, paisagem e lugar. A contribuição teórica foi construída a partir das leituras de Milton Santos (1996) e Yi-Fu Tuan (2012) que são os alicerces da Geografia Humana no que diz respeito ao Espaço Geográfico, bem como em Lipovetsky (2004) e sua abordagem filosófica da Hipermodernidade no que se refere ao Tempo. Os manuscritos de Tin Ingold (1994) contribuíram para entender as relações que não aproximam nem afastam humanidade e os não humanos, mas que os reconhecem como um fluxo inerente e indissociável de vida. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas a fim de estabelecer uma análise acerca das diferentes percepções e afetividades dos indivíduos com os espaços naturais. Os entrevistados representam os grupos envolvidos com a FLONA, integrantes de diferentes esferas e interesses culturais, políticas e institucionais, que foram divididos em três categorias: civil (movimentos ambientalistas regionais (MARH), conselho municipal de meio ambiente (COMDEMA) e a comunidade do entorno da FLONA); institucional (ICMBio e o Conselho Consultivo da FLONA de Canela); e componente indígena (grupo caingangue que reivindica a FLONA). As principais categorias de análise das entrevistas foram: a natureza (finalidade) do contato do sujeito com a UC; a percepção do mesmo quanto ao ambiente natural (função, importância); a existência ou não de laços afetivos com o local. Além destas, também foram considerados os pontos de interesse dos sujeitos na área estudada, bem como suas diferentes interpretações em relação aos mesmos, que variam de acordo com a sua relação subjetiva em relação ao ambiente, nas diferentes categorias de espaço geográfico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por meio da reconstrução de um tecido histórico da FLONA de Canela, a partir do levantamento bibliográfico e das entrevistas, evidenciaram-se as transformações daquele espaço geográfico ao longo do tempo, em diferentes construções de categorias espaciais (território, paisagem e lugar), bem como, que o tempo possa ter um fluxo não linear, mas talvez cíclico, uma vez que certos fenômenos históricos tendem a se repetir sob novas configurações, que ainda assim evocam as mesmas conflitualidades do passado. O que traz a “preocupação com o destino e construção de um futuro” atrelado a um determinado espaço (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 19). Sendo assim, se faz necessária uma conciliação das diferentes percepções sobre tais espaços, sobretudo da valorização dos mesmos como lugar, no intento de quebrar este ciclo. Assim, o espaço percebido como território é delimitado, sobretudo, pelas relações sociedade-natureza, poder-posse, enquanto a paisagem não possui “bordas”, e trata-se de uma dinâmica onde a natureza passa a ter um aspecto meramente cenográfico. Já o lugar configura um “terreno internalizado”,

afinal, o ponto georreferenciado não é o espaço vivenciado. Segundo Tuan (2012), espaço e lugar são termos familiares que apontam experiências comuns, e enquanto o “lugar” diz respeito à segurança, o “espaço” refere-se à liberdade, sendo a topofilia o elo afetivo entre o sujeito e o espaço em questão. A construção do território atual da FLONA de Canela pode ser descrita como um cenário de relações conflitantes e paradoxais. O Plano de Manejo da FLONA (BRASIL, 2017) baseado nos Anuários de 1948, e o de 1949, apresenta um cenário que possibilitou a identificação de três momentos históricos da construção do território da FLONA de Canela. O primeiro denominou-se Colonização, pois se refere aos antigos colonizadores italianos e alemães, e seu contato com os indígenas que habitavam a região no século XIX. Período em que os Campos de Cima da Serra foram habitados pelos indígenas caingangues, que nos séculos XVIII e XIX foram violentamente desalojados pelos “matadores de indígenas” (REIS; VEEK; OLIVEIRA, 2009). O segundo momento inicia-se em 1941 pela criação do Instituto Nacional do Pinho (INP), que se relaciona ao período da exploração madeireira, fase em que a FLONA era conhecida como Estação Florestal Eurico Gaspar Dutra, criada pela demanda da quase extinção da araucária na região devido à exploração madeireira. Enquanto no tempo presente, poderíamos acrescentar uma nova fase onde tal espaço passa a ser considerada UC do ICMBio em 2007, o que trouxe novas reivindicações do espaço pelos remanescentes caingangues, no reconhecimento da área da FLONA como território indígena e daqueles moradores do entorno, descendentes dos colonizadores italianos e alemães da região, que de acordo com a gestão da UC em entrevista realizada no mês de outubro de 2020, fazem incursões para as práticas ilegais de caça e pesca no local. Além disso, atualmente o governo federal qualificou a FLONA de Canela no Programa de Parcerias e Investimentos, na perspectiva de inclui-la no Programa Nacional de Desestatização, feita por meio da Resolução CPPI nº 113 de 19 de fevereiro de 2020, com o objetivo de fazer a concessão da prestação de serviço público de apoio a visitação, bem como serviços de apoio à conservação, à proteção e à gestão da unidade de conservação. Ao fim deste estudo, fica evidente a necessidade de uma reflexão crítica sobre o papel e a valorização do Gestor Ambiental como profissional interdisciplinar, que atue como um mediador daqueles conflitos oriundos das percepções subjetivas e paradoxais pré-existentes, no que diz respeito ao espaço natural compartilhado. E neste intento, por meio das entrevistas foi possível um entendimento do espaço em questão, no qual os sujeitos percebem os mesmos pontos (locais) de relevância na FLONA, por diferentes perspectivas, sendo que para a categoria civil, aquele espaço denota lazer e uso público (paisagem), para a institucional, proteção e responsabilidade legal (território), enquanto para o componente indígena, há um fator espiritual intrincado a um senso de pertencimento ao local, bem como um elo afetivo com o mesmo (lugar). Tais divergências criam um ambiente propício a conflitos de interesses sobre aquele espaço. A partir dos locais apontados pelas três categorias entrevistadas, foi possível elaborar um mapa mental topofílico da FLONA de Canela (Figura 1). Bomfim (2003) trata a afetividade como um processo ético-político, em que a ‘afetação’ do outro ocasiona também a responsabilidade para com ele. E aborda os mapas afetivos como meio pelo qual o sujeito representa seu sentimento em relação ao ambiente. E revela que tanto a representação quanto o registro na memória, de elementos e aspectos do entorno dependem da ‘afetação’ que os mesmos causaram ao sujeito.

Figura 1- Mapa Topofilico da FLONA de Canela



FONTE: NETO (2021, p. 44)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Santos (1996), quando o meio ambiente assume um caráter de Natureza-Espetáculo ao invés de Natureza-Histórica, ou ainda quando aquela Natureza-Cibernética ou sintética substitui a Natureza analítica do passado, a ocultação, ou esvaziamento de significado da história atinge o seu auge, o que estabelece uma confusão de paradoxos entre sistemas técnicos, no que diz respeito a natureza, sociedade, cultura e moral. Esta fala também revela a urgência do espaço percebido como Lugar, que independentemente do grupo ou sujeito, promova um consenso em que ambientes concebidos como naturais sejam valorizados, antes de tudo, pelo seu valor intrínseco compartilhado (inerente, ecológico). Portanto, é de extrema importância para o gestor de uma UC, a realização de um diagnóstico que inclua o mapeamento topofilico como ferramenta estratégica na gestão e negociação de conflitos ambientais, a fim de que se constitua uma compreensão imparcial e profunda das motivações e interesses histórico-culturais, dos diferentes componentes que atuam sobre aquele espaço. Ao fim deste estudo, fica evidente a importância de que se consolide não só a interpretação da natureza como um direito e bem comum multifacetado, mas antes disso, a proteção do patrimônio natural como um dever de todos.

REFERÊNCIAS

- BOMFIM, Z. A. C. **Cidade e afetividade: Estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo**. 2003. 237 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Plano de Manejo da Floresta Nacional de Canela**. Volume I – Diagnóstico. Brasília: MMA, 2017.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- INGOLD, T. **Humanidade e Animalidade**. Trad.: Vera Pereira. Companion Encyclopedia of Anthropology. Londres: Routledge, 1994.
- LIPOVETSKY, G.; CHARLES, S. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- NETO, D. R. de. A. **A subjetivação e o esvaziamento de significado dos espaços naturais na hipermodernidade distópica: o paradoxo da Floresta Nacional de Canela**. 2021. TCC (Bacharelado em Gestão Ambiental) - UERGS- Polo Hortênsias. Canela. Rio Grande do Sul, p.41. 2021

REIS, A. O. dos; VEECK, M. W.; OLIVEIRA, P. A. de. **Canela: por muitas razões**. 2. ed. Porto Alegre: EST, 2009.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria L. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.